

OS MUROS E AS PONTES

Em 1987, Ronald Reagan o então presidente dos EUA, lançou um desafio ao seu homólogo na União Soviética: “Sr. Gorbachev, derrube este muro!” Dois anos mais tarde em 1989, o muro de Berlim caiu unificando a Alemanha e também a Europa. O apelo de Reagan há mais de trinta anos atrás está a perder terreno para a mentalidade de fortaleza que se instalou nos dias que correm. No entanto, nunca o mundo assistiu à construção de tantos muros, barreiras e cercas como agora. Basta olhar para o muro entre os EUA e o México, Israel e a Cisjordânia, a Grécia e a Macedónia, a Sérvia e a Hungria, dos estados bálticos e a Rússia e o rol continua pela Ásia, nas Coreias, Índia etc. Perante a enormidade de cimento e aço, qualquer pessoa se sente angustiada e claustrofóbica por aquilo que os muros representam, nomeadamente a divisão: nós estamos de um lado, eles estão do outro.

Com a globalização aproximámo-nos uns dos outros, como por exemplo no aumento do comércio internacional, mas isso não significa, necessariamente, unidade. A partir do momento em que haja uma crise financeira, ameaças de terrorismo, refugiados, ou imigração, o fosso entre ricos e pobres aumenta, e as pessoas tendem a agarrar-se com mais firmeza aos seus grupos construindo mais muros.

Mark Zuckerberg, cofundador do Facebook, acreditava que o *social media* nos iria unir. Puro engano! Já admitiu que estava errado. Pudera, basta entrar em alguns grupos e termos uma opinião contrária, ou politicamente incorrecta, que imediatamente o conflito se adensa. Tudo se resume à alegação que aquilo que pensamos é a única verdade, e, por conseguinte, os pontos de vista dos outros não são importantes. Do alto da nossa cátedra e com tamanha certeza da nossa superioridade, inferior, os muros erguem-se rapidamente. A história recente, do pós Segunda Guerra Mundial, mostra-nos que a reconstrução da Europa pelo Plano Marshall só foi possível, porque houve muros que foram derrubados, pontes construídas e, uma tomada de consciência dos países intervenientes de que isso os beneficiaria mais os do que a divisões entre eles. Num futuro próximo vamos necessitar de uma versão actualizada do Plano Marshall para o século XXI.

Apesar de tudo, os maiores muros não são físicos, são mentais e emocionais, e espelham apenas aquilo que vai na nossa mente e no nosso coração. Se alimentarmos a personalidade através de actividades centradas na parte inferior do nosso ser, a pessoa vive e morre como os animais porque está inconsciente dos impulsos magnéticos do espírito. Se ao invés, nos focarmos nos desejos do espírito, a personalidade vê a luz e começa à procura do seu Eu superior através da ponte da mente. Então a mente é o elo de ligação entre o tríplice corpo e o tríplice espírito, e funciona como ponte na transmissão da alma ao espírito. Quanto mais pura for a nossa mente, tanto mais terno é o nosso coração e mais são é o nosso corpo. Mas a ponte também requer manutenção, e a melhor manutenção que se pode dar à mente é através dos exercícios diários de concentração e meditação.

Ao invés de nos rodearmos de muros, devemos ser, sobretudo, construtores de pontes entre as pessoas. O ser útil ao próximo é o caminho mais curto, mais seguro e mais radiante que nos conduz a Deus.

António Ferreira

2019 08 25